

A (des) sintonia da arte: uma ferramenta da comunicação

A arte no campo da comunicação em uma análise do filósofo Vilém Flusser

Momolli, Bibiana

Fagundes Santos, Camile

Amaral Bernardo, Carolina

Soares Dos Santos, Daiane

Silva Rocha, Gabriela

Leitão Farias, Gisele

Gabrielly Sobreira, Luana

Rosa Larrubia, Mariana

Uemura Nery Vieira, Mayara

Resumo

Este artigo tem como objetivo central questionar qual o sentido da arte na sociedade e explorar os desdobramentos acerca disso, sendo o principal: a arte pode ser uma tecnologia da comunicação social? Para isso, foi estudado como a arte é interpretada de diferentes maneiras pelas pessoas; se ela pode ser considerada dialética ou discursiva; e se é possível influenciar os indivíduos de forma negativa. Como base para o estudo, foi realizada uma análise do filósofo Vilém Flusser em sua obra "O mundo codificado" (2007) para conduzir a essas reflexões, contando também com a colaboração de outros autores que produziram obras acerca do tema. Por fim, foi produzido um breve documentário, que apresenta todo o conjunto trabalhado.

Palavras-chave: arte, sociedade, tecnologia, comunicação, Vilém Flusser, reflexões.

Introdução

O projeto filosófico em questão tem como objetivo questionar o caráter comunicativo da arte, baseado nas principais ideias de Vilém Flusser em sua obra "O Mundo Codificado" –

segundo ele, a comunicação se tornou na contemporaneidade uma maneira de nos esquecermos da solidão e da morte, mas poderia ser a arte uma fuga disto? O trabalho aborda também outros pensamentos do autor e, com viés questionador, busca tratar do conceito de arte e comunicação pelo filósofo e pela sociedade atual, além do seu papel dialético ou discursivo e, principalmente, se é possível usá-la como uma ferramenta que agregue a comunicação social.

Com utilização de exemplos atuais e citações de outros autores especialistas no tema, o trabalho vai além da limitada visão acerca do papel social da arte, buscando entendê-la dentro da comunicação e compreender como pode ser vista e entendida de formas diferentes por grupos sociais distintos.

Este presente artigo busca elucidar, principalmente, os seguintes questionamentos acerca do tema:

- As pessoas entendem e reagem à arte da mesma forma?
- A arte pode influenciar as pessoas de forma negativa?
- A arte é um discurso ou diálogo?
- A arte possui limites éticos e morais?

Morfologia das palavras arte e tecnologia

A arte é um tema muito trabalhado ao decorrer dos séculos, na morfologia o termo “arte” vem da palavra latina *ars*, que significa técnica e habilidade, mas diversos estudiosos tentaram explicá-la de forma mais usual. Segundo Platão, por exemplo, a arte imita a natureza, o mundo sensível, e reproduz a aparência - se distanciando da razão.

Já o termo tecnologia vem do grego *tekhne* que significa técnica, arte e ofício, juntamente com a palavra *logos*, também grega, que refere-se ao conjunto dos saberes. Dessa forma, arte e tecnologia, coisas que parecem tão distintas, têm um significado parecido e podem diretamente agregar uma a outra, como foram usadas na execução do projeto deste artigo.

A (des)intonia da arte

De acordo com o dicionário, "sintonia" é um estado onde pessoas encontram-se em harmonia ou correspondência com o meio. Quando artistas criam uma obra, pré definem um significado para ela, escolhem uma mensagem para transmitir. Porém, quando seu receptor cria uma nova interpretação da obra, aquilo passa a criar conjuntamente, em um diálogo, novos sentidos.



Fonte: Redes sociais

A arte como ferramenta de comunicação seria um objeto do mundo codificado como escape do mundo natural. Artistas expressam a mensagem de suas obras, predefinindo um significado - seu próprio código - e trazendo sua vivência e consequentemente sua visão sobre o mundo. Porém, nem todos os espectadores conseguem entender o que foi passado.

Quando um artista divulga sua obra ele corre o risco de não ser compreendido como esperava, sua mensagem pode não ser compreendida, acarretando a (des)intonia da arte.

Aquele que observa a obra já observa com sua própria vivência, não necessariamente a mesma do autor, criando assim um novo código para a obra podendo distorcê-la ou não.

Segundo Flusser, o homem é um animal solitário que se comunica pois necessita do senso de comunidade e muitas vezes, esse desejo pode o manipular de uma maneira onde a arte, ao invés de o salvar da idiotia – citada inúmeras vezes na obra do autor, faz com que ele se aprofunde mais na ignorância.

A imagem acima é um exemplo. A mensagem passada pelo grupo Racionais é contrária aos ideais defendidos pelo candidato à presidência. Portanto, a forma que a arte do grupo foi entendida nessa situação é contrária à própria mensagem que os artistas querem passar ao público – vista, neste caso, a partir da vivência de um indivíduo. A partir dessa análise, essa dessintonia é questionada ao pensar na possibilidade de ter algum lado positivo, mas principalmente: as pessoas entendem e reagem à arte da mesma maneira?

Outro exemplo é um caso famoso, que repercutiu na mídia em 2018, é o da música "Só Surubinha de Leve", de Mc Diguinho, que chegou a aparecer em primeiro lugar na lista "Brasil viral 50", do Spotify. Em um dos trechos, o artista diz "Taca bebida, depois taca a pica e abandona na rua", o que o levou a ser criticado por apologia ao estupro. A canção gerou um grande debate na internet, levando pessoas a se questionarem qual o papel da música e como tal letra poderia influenciar o público, principalmente o mais jovem, uma vez que muitas vezes ao reproduzir alguma música, o homem raramente pensa em seu significado, ignorando a letra e focando apenas em sua melodia.

Nessa linha de pensamento, foram levantadas os seguintes questionamentos: a arte realmente pode influenciar as pessoas de forma negativa? É possível que os artistas se aproveitem dessa solidão do homem para o influenciar negativamente?

Conceito de arte segundo Flusser

O filósofo Vilém Flusser (1920-1991), tcheco naturalizado brasileiro, foi um dos primeiros a perceber a importância das tecnologias de informação na sociedade que emergia na segunda metade do século 20. Embora, no Brasil, seu reconhecimento ainda esteja em grande parte restrito ao campo da teoria da fotografia, atualmente sua obra é considerada uma das mais fecundas abordagens filosóficas para pensar o papel da imagem e a condição existencial humana na contemporaneidade. A obra examinada para a extração da citação foi o livro *O mundo codificado* (2007) - nele o autor questiona o caráter comunicativo da arte e explica como, na contemporaneidade, a comunicação e os seus códigos se tornaram o escape humano da solidão e da morte.

Destaca-se no artigo a arte presente em seu trabalho, pois, segundo Flusser, a arte pode conter uma ampla significância: uma delas seria o conceito de esforço, vindo da parte criativa da mente, para superar a tendência da idiotia - desinformação que nos cerca.

Segundo o filósofo, “[...] a autenticidade da arte não está em sua característica mimética, e sim poética” – ou seja, através do pensamento de Flusser, pode-se analisar também que a arte vai além da libertação citada anteriormente.

Existe, adjunto, a criação de novos sentidos em volta do que se é apresentado para cada pessoa. A arte acabaria por superar a materialidade para as converterem em informação pura, em arte pura, dada a mutação dos aspectos sonoros e visuais em atividade altamente codificada.

Flusser diz que comunicar não é natural, mas que o ser humano aprende a se munir de ferramentas como a língua para se comunicar. Além disso, a falta de arte para usar essas ferramentas compõe um idiota. Vivemos em um mundo em que os códigos e os símbolos são uma segunda natureza, parte de uma cultura que nos ajuda a ler o mundo. Na arte, esses símbolos também podem ser expressados pela música, escultura e representações artísticas em geral.

A reflexão da obra do autor é importante para o trabalho acadêmico, pois demonstra como o homem tem a necessidade de consumir a arte para sair da alienação, trazendo também

a dúvida sobre a idiotia mencionada por Flusser: ela pode ser vencida pela informação, ou sempre irá existir em algum grau?

A arte como escape da realidade

Friedrich Nietzsche foi um filólogo, poeta e filósofo alemão contemporâneo, autor de uma vasta e polêmica obra. Seus livros deixaram os primeiros indícios do surgimento da filosofia contemporânea. Nietzsche dedicou-se a estudar a moral judaico-cristã e operou uma espécie de comparação das sociedades antes e depois do cristianismo, tendo classificado este como o fator central do enfraquecimento do ser humano na era moderna. A obra consultada para a extração da citação foi o livro *Aurora* (1881), que faz uma crítica à moral cristã e suas ilusões. Ao lado de "A gaia ciência", é o livro que Nietzsche considerava mais pessoal e pelo qual tinha mais simpatia. A edição inclui o prólogo acrescentado em 1886 e o grupo de poemas "Idílios de Messina".

“Estando entre muitos, vivo como muitos e não penso como eu; após algum tempo, é como se me quisessem banir de mim mesmo e roubar-me a alma — e aborreço-me com todos e receio a todos. Então o deserto me é necessário, para ficar novamente bom” (NIETZSCHE, 1881, p.491)

Por não conseguir enfrentar os demônios que habitam em seu interior, a sociedade procura aumentar o volume do mundo ao redor para não ouvir os sussurros dos impulsos que perturbam. Podendo trazer a arte como forma de escape para os indivíduos que fogem dessa solidão, que segundo Nietzsche é necessária para entender seu próprio ser, não deixando de relacionar com as manifestações de arte, que são uma forma de identificação e traz uma descoberta – um novo olhar sobre si.

A reflexão traz uma visão de como a solidão, ao isolar alguém, pode ainda sim através da arte ter um novo significado, pois gera o diálogo entre o indivíduo e a obra consumida por ele.

Mostra também que a “comunicação” gerada, segundo Flusser, se tornou uma maneira de nos esquecermos dela, lidando assim com o vazio que foi vivido anteriormente com mais facilidade, podendo ser visto como algo bom ou ruim ao analisar pontos diferentes.

No artigo “Expressividade como qualidade dinâmica: uma discussão sobre percepção na arte”, publicado na Revista Polis e Psique, Rio de Janeiro, p. 1-22, em Outubro de 2014, as autoras Maria Carijó e Virgínia Kastrup estudam e discutem sobre como a arte está ligada diretamente a psicologia, uma de suas principais vertentes de estudo é que a arte, a expressão e a psicologia estão interligadas, a partir disso, se fez necessário ler o artigo “Introdução da arte da Psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar” escrito por Vasconcellos, E. A., Giglio, J. S. (2007), que visou discutir a introdução da expressão artística em contextos terapêuticos, procurando focalizar também o desenvolvimento da arteterapia com pacientes oncológicos. De onde foi possível retirar a seguinte citação:

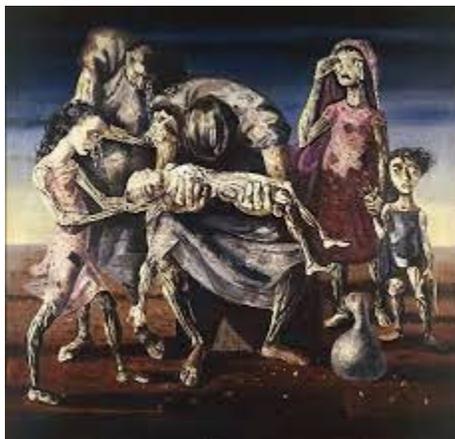
“A arte-terapia defende que a arte é não somente um instrumento de expressão do sujeito como também um instrumento de cura para seus sintomas”
(VASCONCELLOS & GIGLIO, 2007, p. 6)

Essa, presente na página 6 do artigo e que defende diretamente o que Carijó e Kastrup argumentam, ou seja, que a arte e a expressão estão ligadas, e conforme têm contato com os sujeitos - públicos e artistas - os influenciam positivamente.

Mostra que além de conhecimentos voltados a área da filosofia, em relação a arte como um bem para o ser humano em diversas áreas de sua vida, existe o lado “científico” que traz um novo tipo de defesa as teses defendidas por diversos autores e apresenta que ela serve de forma boa e comprovada para quem a utiliza, neste caso no âmbito da psicologia.

Para Flusser, “A idiotia, o ser· homem imperfeito, é falta de arte.” (FLUSSER, 2007, p. 89). O filósofo demonstra como o homem tem a necessidade de consumir a arte para sair da alienação. Para ele, a comunicação humana, dentro do mundo codificado em que vivemos, tem

o objetivo de nos fazer esquecer da morte e da solidão. Porém, o artista Cândido Portinari, em suas obras, tem resultado contrário: nos faz lembrar de todo o sofrimento que nos cerca e aguarda, permitindo a análise das variações de sentidos dados a um tema através da arte.



PORTINARI, Candido. Retirantes. 1944. 1 original de arte, óleo sobre tela, 190 x 180 cm.

A arte produzindo informações

O artigo “A divisão das Belas Artes: Kant e Hegel” desenvolvido pelos doutorandos de filosofia da Universidade Federal do Maranhão, Zilmara Carvalho e Danielton Melonio em 2018, trás reflexões sobre a arte pela visão de dois grandes filósofos, o trecho extraído reflete o pensamento do alemão Immanuel Kant (1724 - 1804). Kant foi um dos principais autores no campo da filosofia, e dedicou toda a sua vida a escrever e ensinar sobre diversos assuntos, como metafísica, ética e a estética que é abordada na obra “Crítica da faculdade do juízo”, escrita originalmente em 1790 que investiga a capacidade humana de avaliar as coisas e o que é considerado belo.

“Só é possível, segundo Kant, denominar arte a produção realizada de forma livre e racional. Mesmo que se realizem “obras” na natureza, como o exemplo das abelhas que constroem suas colmeias, como se parecessem obra de arte, tais seres, contudo, não o fazem de maneira racional e livre (KANT, 1995). Assim, uma obra de arte autêntica é resultante da ação livre e racional dos seres humanos e não uma mera ação mecânica e sem sentido” (CARVALHO e MELONIO, 2018, p. 202)

A partir da citação, é possível concluir que a arte sempre será resultante de ações do ser humano, pois a arte é completa de racionalidade e sentimento, coisas não existentes na ‘natureza selvagem’.

Em contrapartida, o pesquisador espanhol Juan Mosquera, que ao longo de seus 50 anos de carreira contribuiu para a área da educação e da psicologia com diversos artigos e livros. Na obra “Psicologia da Arte”, que trata da interação humana com a arte, o trecho: "A arte não é apenas a glorificação do belo, do significativo, mas a relação implícita que existe entre o fato social e a sua expressão" (MOSQUERA, 1976, p. 63) mostra que a arte não existe sozinha, pois necessita do humano que a cria e do humano que a interpreta para ter algum significado, a arte vai além apenas do belo, mas também do que é exposto, entendido e construído com ambas as partes.

Ambos tratam do caráter racional e humano da arte, e de como ela pode criar novos sentidos, a partir de uma comunicação dialética, onde a obra e seu receptor produzem juntos novas informações, preenchendo tudo aquilo que é vazio de sentido. Comprovando assim que a arte, junto aos humanos que a produzem e a contemplam, estabelece uma relação comunicacional de diálogo, criando novas informações e sentidos diversos.

A arte como fenômeno de interpretação

Novamente, a obra de Vilém Flusser se faz importante para o desenvolvimento do projeto em questão. Abordando o caráter consciente e antropológico da comunicação.

“Mas isso não corresponde à condição efetiva das coisas. Pode-se humanizar tudo (como, por exemplo, ler nuvens) ou naturalizar tudo (como descobrir as causas dos livros). No entanto, é preciso que se esteja consciente de que o fenômeno pesquisado mostrará aspectos diversos se submetido a uma ou a outra dessas duas decisões de análise, e por isso há pouco sentido em se falar de um mesmo fenômeno”. (FLUSSER, 2007, p. 92)

“Surgirá essa tendência neguentrópica da comunicação humana ao se tentar interpretar em vez de explicar. E assim o acúmulo de informações se manifestará não como um processo estatisticamente improvável, embora possível, mas como um propósito humano. E não se manifestará como uma consequência do acaso e da necessidade, mas da liberdade, como uma intenção contranatural do homem condenado à morte.” (FLUSSER 2007, p. 94)

Por um mesmo fenômeno poder ser compreendido de diferentes maneiras, a arte “cria” o seu espaço na interpretação humana, oferecendo diferentes olhares para algo que teria apenas uma explicação selada. Trazendo ao conhecimento, diferentes vivências.

Uma visão de como a arte trouxe para a comunicação, uma nova estratégia de interpretação de obras e realidades, tirando a explicação do lugar central e permitindo a liberdade de pensamento. Mostrando que a compreensão, varia da realidade e dos olhos de quem a vê.

A ambiguidade da arte

"Em suma, o homem comunica-se com os outros; é um "animal político", não pelo fato de ser um animal social, mas sim porque é um animal solitário, incapaz de viver na solidão." (FLUSSER, 2007, p. 10)

O pensador aborda a real motivação pela qual o homem interage com os outros para além da simplicidade de uma mera socialização, mas aprofundando-se no porquê. Ele debruça sobre a comunicação humana, de modo a encarar as interações sociais como amparos humanos para que não pensem sobre a vida e tampouco a morte. O homem não socializa porque é natural à ele comunicar, mas porque precisa de algo que o impeça de enxergar sua própria solidão e a falta de sentido na existência humana.

A questão identificada permitiu refletir sobre a arte no que se refere a unir as pessoas, os coletivos existem porque precisamos de movimentos que nos aproximem? E, acima disso, a arte sendo uma ferramenta da comunicação possui o mesmo caráter político mencionado por Flusser?

O seguinte trecho, retirado da mesma obra, apresenta a posição do pesquisador como algo mais importante para a definição de um fenômeno do que ele próprio.

"Infelizmente perdemos a inocência de acreditar que os próprios fenômenos exigem explicação ou interpretação. As nuvens podem ser interpretadas, e os livros podem ser explicados. Parece que uma coisa se torna "natureza" na medida em que é explicada, e se torna "espírito" na medida em que alguém decide interpretá-la. Para um cristão tudo seria "arte" (a saber, obra de Deus) e para um filósofo esclarecido do século XVIII tudo seria natureza (ou seja, em princípio, explicável). A diferença entre ciência natural e do espírito não seria conferida pela coisa, mas pelo posicionamento do pesquisador." (FLUSSER, 2007, p.92)

O filósofo sustenta seu raciocínio exemplificando as diferentes interpretações que surgem de pessoas a partir da maneira como vivem, um cristão não definiria algo da mesma maneira que um filósofo porque acreditam e compreendem a própria vida. A devoção à religião

o faria enxergar certos fenômenos como uma obra de Deus, enquanto o filósofo enxerga aquilo como natureza e, portanto, algo que pode e deve ser explicado.

A arte nunca foi uma caixa fechada e limitada a uma interpretação já que é vista e discutida por pessoas diferentes que possuem suas próprias vivências e crenças, as quais nem sempre se assemelham a do próprio autor. E, se a diferença entre o espírito e a ciência natural for conferida não pela coisa, mas pelo observador, como pode haver uma interpretação correta ou errada? O mesmo funciona como arte? Não há um certo e errado, mas apenas duas interpretações de uma mesma obra?

A perspectiva trazida pelo autor entende a arte como comunicação, aquela que tem a capacidade de juntar as pessoas pela identificação, também pode-se concluir que o posicionamento de quem estuda é mais importante para definição do objeto do que a coisa em si. Sendo assim, há diferentes interpretações, ou até, explicações de uma mesma forma, dependendo apenas de qual ótica foi utilizada para enxergar. O estudo possibilitou refletir sobre o objeto do trabalho de maneiras diferentes, mas complementares. Mesmo que nos comuniquemos para esquecer a morte e, por isso, acabamos nos ligando, existem ruídos nas próprias formas de comunicação, que detém o poder de nos separar.

Conclusão

Mas afinal, as pessoas entendem e reagem à arte da mesma maneira? Para compilar os estudos acerca do tema “A arte como ferramenta da comunicação social” foi produzido o vídeo documentário “A (des)sintonia da arte”, postado no Youtube, estruturado a partir de entrevistas que questionam a arte sob a visão do público que a cria e consome. Além das perguntas trazidas, possui entrevistas com artistas, professores especialistas e público em geral. Foi apresentado também conceitos de filósofos como Freud, Platão e Flusser que definem o que é arte junto a imagens autorais de diferentes expressões artísticas.

A partir das metodologias de pesquisa e produção de conteúdo utilizadas no projeto, pode-se compreender o tema sob pontos de vistas diversos, desde autores renomados até artistas de rua, agregando para a construção de conhecimento individual e coletiva.



Link para acesso ao documentário: [Documentário Filosofia - A arte pode ser uma ferramenta da comunicação social?](#)

Referências

CARIJÓ, M. C. de A. KASTRUP, V. **Expressividade como qualidade dinâmica: uma discussão sobre percepção na arte / Expressiveness as a dynamic quality: a discussion on art perception.** Revista Polis e Psique, [S. l.], v. 4, n. 3, p. 234–255, 2014. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/PolisePsique/article/view/47057> . Acesso em: 12 maio. 2023.

CARVALHO, Z. de J. V. de; MELONIO, D. C. **A divisão das belas artes: Kant e Hegel.** Griot : Revista de Filosofia, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 198–216, 2018. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/979> Acesso em: 9 maio 2023.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado.** 2007. 224 p.

KANT, Immanuel. **Crítica da faculdade do juízo.** 1790. 390 p.

MOSQUERA, Juan. **Psicologia da Arte.** 1976. 144 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora,** 1881. 312p.

SOUZA, Felipe Castro de; BULHÕES, Fernanda Machado. **Arte como ferramenta comunicativa.** In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, XVII., 2015, UnP - Natal - RN. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2015/resumos/R47-2020-1.pdf>. Acesso em: 6 maio 2023.

VASCONCELLOS, Erika Antunes; GIGLIO, Joel Sales. **Introdução da arte na psicoterapia: enfoque clínico e hospitalar**. Estudos de Psicologia , Campinas, ano 2007, v. 24, n. 3, p. 375-383, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/GVLzSMnCblZPnYQJ5hL3dsp/?lang=pt>. Acesso em: 14 maio 2023.